

## **CONTRIBUIÇÕES E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID): REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

GABRIELA VAZ NOVACK<sup>1</sup>; RAFAELA LEMOS DA LUZ FURTADO<sup>2</sup>;

MARCELO OLIVEIRA DA SILVA<sup>3</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [gabriela-vaz@outlook.com](mailto:gabriela-vaz@outlook.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rafaelalemosfurtado@gmail.com](mailto:rafaelalemosfurtado@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [moliveiras@gmail.com](mailto:moliveiras@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho pretende expor as contribuições que a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Pedagogia, núcleo Educação Infantil, trouxe para a nossa formação acadêmica e pessoal. As experiências vividas durante o tempo de permanência no programa contribuíram para ampliar nosso olhar para a prática docente. Com encontros semanais do grupo pudemos dialogar e trocar ideias sobre nossa prática na escola. Todas as semanas íamos ao encontro das crianças e das professoras em uma Escola Municipal de Educação Infantil, de Pelotas, RS, por meio de uma parceria entre o PIBID e a escola. E, com essas idas semanais à escola, tivemos contato com crianças de 3 a 4 anos, onde realizávamos propostas para/com as crianças com materiais não estruturados (Brinquedos não Brinquedos), que podem ser utilizados para brincar ou estimular a criatividade e o desenvolvimento integral das crianças, permitindo abordagens enriquecedoras.

A intencionalidade da utilização dos Brinquedos não Brinquedos (FERREIRA et al, 2022) é a possibilidade das crianças usarem a criatividade e a imaginação em suas brincadeiras, aguçando habilidades cognitivas através dos sentidos, tato, olfato, paladar, audição e a visão, potencializando a identificação e caracterização dos objetos e das experiências, aprimorando a coordenação motora ao manipular os objetos, a comunicação e a socialização. Nesse sentido, para embasar o presente trabalho, utilizamos as autoras MINAYO (1994), RINALDI (2013), DUBOVIK e CIPPITELLI (2018) e FERREIRA et al (2022).

### **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

A parceria de uma escola de Educação Infantil localizada no município de Pelotas/RS com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) oportunizou vivências para as estudantes do curso de Pedagogia com uma turma de maternal, com crianças de 3 a 4 anos. As intervenções aconteceram semanalmente entre março e dezembro de 2023, durante o turno da manhã. Utilizamos um diário de campo para anotar o que as crianças nos diziam, suas percepções sobre o espaço propositivo, o que ocorria durante as intervenções e as nossas percepções e sentimentos.

Para compreender como as crianças se relacionam por meio da brincadeira, realizamos uma pesquisa qualitativa, que segundo MINAYO (1994, p. 21-22) “responde a questões particulares, e trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Desse modo, ao planejar contextos e disponibilizar materiais para as crianças, observávamos o modo como brincavam, suas interações com as outras crianças e suas percepções sobre os materiais não convencionais dispostos.

Anteriormente a nossos encontros com as crianças, pensávamos no que elas gostavam e o que faria sentido levar para elas brincarem e organizávamos os materiais não estruturados para montar o contexto para elas interagirem. Esses materiais também podem ser chamados de brinquedos não brinquedos e “são objetos cotidianos que colocamos à disposição da criança para que ela invente a sua própria brincadeira” (FERREIRA et al, 2022, p.22). Alguns brinquedos não brinquedos que levamos foram: colheres, potes, canos, rolhas, tigelas, bobões de plástico, limpadores de cachimbo, peças de madeira, vidros resistentes, tampas de plástico, argolas de cortinas, pinhas e rolos de papel higiênico. Esses são apenas alguns exemplos de materiais não estruturados que podem ser disponibilizados para as crianças.

Quando chegávamos à escola, íamos para uma sala e montávamos o espaço propositivo com os materiais selecionados, de forma harmônica ao olhar, tanto nosso, quanto das crianças. Ao selecionar os objetos, pensávamos em materiais de mesma natureza, por exemplo: um dia levaríamos apenas brinquedos não brinquedos de madeira, em outro dia apenas objetos de plástico. Também, uma de nossas organizações prévias era levar materiais que coubessem um dentro do outro, ou que as crianças conseguissem empilhar.

De acordo com as autoras DUBOVIK e CIPPITELLI (2018), os espaços devem ser pensados para provocar desafios para as crianças, provocando investigações e possibilitando relações interpessoais. Durante nossas intervenções compartilhávamos da mesma ideia para montar espaços propositivos que instigassem as crianças e promovessem diálogos, dúvidas, interações e o uso de sua criatividade e imaginação.

Em uma das propostas realizadas, utilizando fitas e garrafas, criamos um circuito em uma sala ampla. A proposta no início era guiada e com o tempo e a participação das crianças se tornou uma brincadeira livre. Durante a proposta as crianças foram para a porta da sala e disseram ter uma bruxa atrás da porta, como podemos observar nos relatos a seguir:

“Vamos fugir! A bruxa vai fazer feitiço!” (Gabriel, 2023)

“Ela é malvada, ela pega a gente pra fazer feitiço.” (Alice, 2023)

“Ela pega a gente! Ela faz sopa verde cheia de ratos!” (Thomas, 2023)

Observamos a empolgação e a imaginação das crianças, sua criatividade em criar histórias e brincadeiras a partir de simples garrafas encantou o nosso olhar, a cada ida à escola uma nova fantasia era criada pelas crianças. De acordo com RODRIGUES et al (2019, p.51), devemos “favorecer as crianças (a viver) novas experiências, desde que lhes estejam garantidos espaço e tempo para que vivenciem experiências subjetivas e imaginativas”. A imaginação é um aspecto fundamental para seu desenvolvimento e com as propostas levadas para elas permitiam que se expressassem de forma livre e criativa desenvolvendo habilidades importantes, como a solução de conflitos, comunicação, imaginação e emoções.

Para além da formação como professoras, a experiência no PIBID contribuiu também para a nossa formação enquanto sujeitos, no sentido de sensibilizar nossos atos e escolhas a partir do olhar das crianças, dos encontros em grupo, dos diálogos em dupla antes, durante e após os encontros na escola. A autora Carla Rinaldi afirma que as “crianças pequenas demonstram um nível inato de sensibilidade e competência perceptíveis extremamente alto” (RINALDI, 2013, 124). Assim, ao entrar em contato com as crianças e vivenciar sua rotina dentro da escola, nos tornamos sensíveis ao olhar para as miudezas de seu cotidiano. Essa reflexão se estendeu para o nosso ambiente de estudo, a faculdade, onde nós

relatávamos os acontecimentos e pensávamos em estratégias e pontos a serem modificados juntamente ao nosso orientador.

Durante a participação no PIBID, vivenciamos momentos marcantes juntamente as crianças da Educação Infantil. As leituras, propostas e brincadeiras realizadas durante os nossos encontros, não apenas despertaram o interesse pela leitura, mas também o desenvolvimento integral das crianças. Essas experiências enriqueceram a formação das crianças e das docentes e, mostraram a importância de uma educação colaborativa e inclusiva, impactando positivamente a vida das crianças.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compor o núcleo do PIBID Educação Infantil e participar dos encontros semanais com as crianças e com as outras integrantes do grupo, acrescentou experiências ricas em nossa formação, já que ao vivenciar o cotidiano com as crianças, conseguimos observar como é o chão da escola, seus desafios e aprendizagens. Alguns dos desafios encontrados estavam relacionados a gestão da escola e o modo como administravam as propostas realizadas.

Uma das lições aprendidas durante o processo foi sobre a relevância de, ainda na graduação, estar em contato com a escola, experienciar o corriqueiro que é fundamental para as crianças pequenas, suas rotinas e necessidades. Ainda, ressaltamos a importância de ter participado de um grupo ativo e acolhedor, o qual escutava as demandas das colegas e dialogava sobre possíveis soluções.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência tem papel essencial nos cursos de licenciatura. Foi por meio dele que tivemos a oportunidade de vivenciar experiências na escola enquanto graduandas. Ter a oportunidade de planejar propostas, estar no lugar de professor referência ainda enquanto estudante foi fundamental para a nossa trajetória acadêmica. Refletimos, discutimos e estudamos os possíveis caminhos da docência, ao mesmo tempo em que atuávamos nas escolas, unindo a teoria e a prática.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBOVÍK, A.; CIPPITELLI, A. **Construção e Construtividade**: materiais naturais e artificiais nos jogos de construção. Tradução Bruna Hering de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2018.

FERREIRA, A.; DANIEL, C.; MALAVOLTA, G.; SILVA, M. **Brincando com brinquedos não brinquedos**. Porto Alegre: Bestiário, 2022.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

RINALDI, C. O ambiente da Infância. In: CEPPI, G. ZINI, M. (Org). **Crianças, espaços e relações**: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 122-128.

RODRIGUES, A. de J. V. ALMEIDA, A. S. de. DOMINGOS, A. C. T. MOURA, I. A. de. Brincar na natureza: tocar, experimentar e interagir. In: DELORME, M. I. (Org). **Criança e natureza nas cidades**. Rio de Janeiro: Baobá, 2019. p. 39-53.